

Problemas de sociabilidade em adolescentes: um estudo de métodos mistos paralelo convergente

Socialization problems in adolescents: A convergent parallel mixed-methods study

Problemas de sociabilidad en adolescentes: estudio de métodos mixtos paralelo y convergente

Bruna Hinnah Borges Martins de Freitas¹ ; Darci Francisco Dos Santos Junior¹ ;
Esthefany Lorrainy Facundo Matos Silva¹ ; Marina Nollí Bittencourt¹ 

¹Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT, Brasil

RESUMO

Objetivo: analisar os problemas de sociabilidade enfrentados por adolescentes de 12 a 18 anos de uma capital brasileira. **Método:** estudo de métodos mistos paralelo convergente, com dados quantitativos coletados por meio do instrumento Youth Self-Report e qualitativos obtidos em entrevistas baseadas nos itens desse instrumento. A análise quantitativa incluiu testes descritivos e inferenciais, enquanto os dados qualitativos foram examinados por análise temática, orientada pela concepção de sociabilidade simmeliana. Aspectos éticos foram respeitados. **Resultados:** identificou-se que 15,4% dos adolescentes apresentaram problemas de sociabilidade, com maior prevalência em meninas e na faixa etária de 11 a 14 anos. Os relatos qualitativos evidenciaram sentimentos de solidão, rejeição social e dificuldades interpessoais. A integração dos dados evidenciou a complexidade das demandas nessa fase da vida. **Conclusão:** adolescentes vivenciam problemas significativos de sociabilidade, reforçando a necessidade de intervenções voltadas ao fortalecimento das habilidades socioemocionais e à promoção de ambientes escolares inclusivos. **Descritores:** Saúde Mental; Adolescente; Comportamento Social.

ABSTRACT

Objective: to analyze socialization problems experienced by adolescents aged from 12 to 18 years old in a Brazilian capital city. **Method:** a convergent parallel mixed-methods study, with quantitative data collected using the Youth Self-Report instrument and qualitative data obtained through interviews based on items from this instrument. The quantitative analysis included descriptive and inferential tests, while the qualitative data were examined through thematic analysis, guided by the Simmelian concept of sociability. All ethical aspects were duly observed. **Results:** it was found that 15.4% of the adolescents presented socialization problems, with higher prevalence among girls and in the 11-14 age group. The qualitative accounts revealed feelings of loneliness, social rejection and interpersonal difficulties. Data integration highlighted the complexity of the demands at this life stage. **Conclusion:** adolescents experience significant socialization problems, reinforcing the need for interventions aimed at strengthening socioemotional skills and promoting inclusive school environments. **Descriptors:** Mental Health; Adolescent; Social Behavior.

RESUMEN

Objetivo: analizar los problemas de sociabilidad enfrentados por adolescentes de 12 a 18 años de una capital brasileña. **Método:** estudio de métodos mixtos paralelo y convergente, con datos cuantitativos recolectados mediante el instrumento *Youth Self-Report* y datos cualitativos obtenidos a partir de entrevistas basadas en los ítems de dicho instrumento. El análisis cuantitativo incluyó pruebas descriptivas e inferenciales, mientras que los datos cualitativos se examinaron mediante análisis temático, orientado por la concepción simmeliana de la sociabilidad. Se respetaron los aspectos éticos. **Resultados:** se identificó que el 15,4% de los adolescentes presentó problemas de sociabilidad, con mayor prevalencia en niñas y en el grupo etario de 11 a 14 años. Los relatos cualitativos evidenciaron sentimientos de soledad, rechazo social y dificultades interpersonales. La integración de los datos puso de manifiesto la complejidad de las demandas en esta etapa de la vida. **Conclusión:** los adolescentes experimentan significativos problemas de sociabilidad, lo que refuerza la necesidad de intervenciones orientadas a fortalecer las habilidades socioemocionales y a promover entornos escolares inclusivos. **Descriptor:** Salud Mental; Adolescente; Conducta Social.

INTRODUÇÃO

A sociedade, segundo Georg Simmel, é formada pelo conjunto das interações entre os indivíduos, descritas como sociação¹. Essa interação distingue-se pela “forma” (o modo como os indivíduos se relacionam) e o “conteúdo” (instintos, interesses, impulsos e objetivos). A sociabilidade, para Simmel, é a forma lúdica da associação, onde as pessoas se encontram pelo simples prazer de estar juntas, sem finalidades materiais ou instrumentais^{1,2}. Esse conceito destaca a sociabilidade como um espaço de interação pura, criativa e despojada de interesses práticos, essencial para a experiência humana. Ele oferece uma base teórica importante para compreender as interações interpessoais e sua relevância no cotidiano, onde o prazer de se relacionar assume centralidade nas relações sociais¹.

Contemporaneamente, as lentes teóricas aplicadas ao fenômeno da sociabilidade vêm expandindo o conceito clássico de Simmel¹, em vez de se oporem a ele. Enquanto Simmel¹ definiu a sociabilidade como a forma lúdica e pura da associação, onde o prazer da interação é central, estudos mais recentes buscam contextualizar essa forma de interação em relação a variáveis como gênero, idade e classe social. No campo sociológico, a sociabilidade é vinculada à vida social e ao caráter relacional e situacional de diferentes sujeitos e grupos no contexto urbano³. Leite⁴ complementa essa visão ao compreender a sociabilidade como processos interativos, representativos e simbólicos, relacionados às experiências vividas que constroem interações.

A adolescência é reconhecida como uma fase de intensa sociabilidade, caracterizada tanto pela busca ativa de interações sociais quanto pelo enfrentamento de momentos de solidão. É por meio dessas interações que o adolescente vivencia o processo de socialização, assimilando hábitos, comportamentos, valores e crenças que estruturam a sociedade em que está inserido. A aceitação pelos pares, a presença de poucos, porém verdadeiros amigos íntimos, e o amor seguro de uma família afetiva constituem requisitos fundamentais para o amadurecimento interpessoal. Neste contexto, a escola emerge como um espaço essencial para a promoção da sociabilidade, a qual pode proporcionar um ambiente que favorece a construção de vínculos saudáveis e a adaptação social, com impacto positivo no bem-estar mental e acadêmico⁵.

A adolescência é um período crucial para manutenção e desenvolvimento de atributos emocionais, cognitivos e sociais importantes para o bem-estar mental, abrangendo necessidades que estão fortemente ligadas à sociabilidade⁶. As experiências sociais ao longo da adolescência não são apenas preditivas da saúde mental e do futuro próximo, mas também fazem parte de uma série de processos de desenvolvimento e de risco em cascata que são, pelo menos em parte, impulsionados por mudanças biológicas e psicossociais anteriores. Através de tais interações, este sistema dinâmico pode aumentar ou amortecer o risco de sofrimento psíquico⁷.

No entanto, problemas de sociabilidade podem surgir durante essa fase, comprometendo a capacidade de interação e a formação de vínculos interpessoais. Tais problemas estão associados à dependência emocional, sentimento de rejeição e dificuldades de comunicação⁸. Esses problemas apresentam prevalência variável nas classificações clínicas entre diferentes culturas, como apontam estudos internacionais utilizando o *Youth Self-Report* (YSR): 17,6% no Nepal e 10,6% entre meninas na Polônia^{9,10}. Além disso, eles estão relacionados à baixa autoestima, insatisfação com a imagem corporal e comportamentos internalizantes, como ansiedade e depressão^{11,12}.

No Brasil, a literatura ainda é escassa sobre os problemas de sociabilidade em adolescentes e seus impactos. Um estudo recente com adolescentes de Cuiabá, Mato Grosso, identificou dificuldades acentuadas de sociabilidade no contexto da pandemia de COVID-19, destacando a relevância de investigar essa temática em cenários específicos¹³.

Portanto, compreender os problemas de sociabilidade em adolescentes é essencial para subsidiar intervenções efetivas e promover a inclusão social e o bem-estar emocional desse grupo. Este estudo tem como propósito analisar os problemas de sociabilidade enfrentados por adolescentes de 12 a 18 anos de uma capital brasileira, por meio de um desenho de métodos mistos paralelo convergente. A fase quantitativa teve como objetivo identificar a prevalência e os níveis de problemas de sociabilidade, utilizando o YSR⁸, enquanto a fase qualitativa buscou aprofundar as percepções e experiências dos adolescentes em relação a esses problemas, baseando-se nos itens da subescala de Problemas de Sociabilidade. Por meio da integração dos dados, fundamentada na perspectiva de sociabilidade de Georg Simmel¹, este estudo busca revelar as dinâmicas que sustentam as dificuldades e potencialidades de sociabilidade dos adolescentes, promovendo um entendimento mais abrangente para embasar estratégias de intervenção.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de métodos mistos paralelo convergente. Dados quantitativos e qualitativos foram coletados simultaneamente, analisados separadamente e fundidos na interpretação dos resultados. Essa abordagem foi escolhida por sua capacidade de explorar fenômenos complexos como os problemas de sociabilidade, ao combinar perspectivas numéricas e narrativas que se complementam¹⁴.

A coleta de dados foi realizada em sete escolas estaduais de Cuiabá, Mato Grosso, selecionadas por conveniência devido à proximidade com a instituição de ensino superior dos pesquisadores e à anuência dos diretores, entre março de 2021 e novembro de 2022, período que correspondeu ao conjunto das visitas realizadas às escolas participantes. As escolas, localizadas em regiões leste e oeste, atendem alunos do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. A cidade de Cuiabá foi escolhida não apenas pela viabilidade logística, mas também pela escassez de pesquisas sobre saúde mental e sociabilidade de adolescentes no Centro-Oeste, região caracterizada por desigualdades socioeconômicas, diversidade cultural e crescimento urbano acelerado, fatores que podem influenciar as experiências de sociabilidade.

A população-alvo foi composta por adolescentes de 12 a 18 anos regularmente matriculados. Com base em dados do UNICEF sobre transtornos mentais entre adolescentes, foi realizado cálculo amostral com nível de confiança de 95%, erro de 5% e proporção estimada de 17,1%, indicando necessidade de 218 participantes. No total, foram convidados aproximadamente 1.200 alunos; destes, 250 devolveram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALEs) assinados, resultando em 222 participantes efetivos. A taxa de resposta foi de 18,5%.

O recrutamento ocorreu em duas etapas. Na primeira, a equipe apresentou o estudo em sala de aula aos adolescentes elegíveis, momento em que foi entregue o TCLE para ser levado aos pais ou responsáveis. Os estudantes receberam orientações sobre o conteúdo do termo e sobre a necessidade de devolvê-lo assinado. Na segunda etapa, previamente agendada, procedeu-se ao recolhimento dos TCLE. Apenas os adolescentes que retornaram o documento assinado foram convidados a dar continuidade ao processo, passando à etapa de assentimento. O TALE foi então apresentado individualmente, lido e esclarecido em local reservado. O assentimento foi registrado por gravação de voz imediatamente antes da entrevista, garantindo privacidade e compreensão plena das informações.

A amostragem foi voluntária (não probabilística), sendo convidados todos os adolescentes elegíveis das escolas participantes. Apenas aqueles que apresentaram o TCLE assinado pelos responsáveis e forneceram assentimento gravado foram incluídos.

É importante salientar que os pesquisadores fomentaram vínculo prévio com os participantes, resultado de apresentações anteriores sobre a pesquisa, palestras em sala de aula, orientação sobre temas de saúde mental, auxílio na inscrição do Exame Nacional do Ensino Médio e suporte na obtenção do título de eleitor. Esse vínculo prévio foi estabelecido para facilitar o engajamento dos adolescentes, gerar confiança e promover melhor compreensão sobre os objetivos do estudo, sem interferir na voluntariedade da participação.

Em cada turma, o tempo entre a apresentação do estudo, ocasião em que os adolescentes receberam o TCLE para levar aos responsáveis, e o momento efetivo da coleta foi, em média, de três dias. As entrevistas foram conduzidas individualmente em salas privativas nas próprias escolas, conduzida por dois membros da equipe. A equipe era formada pela coordenadora do projeto, professora doutora, por um doutorando em Enfermagem e por quatro estudantes de iniciação científica. Todos receberam treinamento específico, que incluiu a padronização das técnicas de entrevista, orientações sobre como lidar com situações sensíveis, estratégias para garantir privacidade e confidencialidade e instruções cuidadosas sobre a forma adequada de registrar as informações. Não houve repetição sistemática das entrevistas.

Os dados quantitativos foram coletados por meio de instrumento *Youth Self-Report (YSR)*⁸, em sua versão brasileira¹⁵, adaptado para aplicação em *Google Forms*[®]. O YSR foi escolhido por sua ampla utilização internacional e por contar com validação no Brasil, o que garante comparabilidade¹⁵. Para este estudo, especificamente, utilizou-se a subescala de Problemas de Sociabilidade em função do foco temático mesmo, composta por 11 itens. A decisão de não incluir relatos de pais ou professores neste estudo, especificamente, deveu-se à natureza intrapessoal da sociabilidade, considerada experiência subjetiva melhor captada pelo autorrelato dos adolescentes.

Além dos escores do YSR, foram coletados dados sociodemográficos referentes ao gênero (feminino, masculino e outros), faixa etária (11 a 14 anos e 15 a 18 anos) e renda familiar mensal (menos de 1 salário mínimo, de 1 a 5 salários mínimos, de 6 a 10 salários mínimos e acima de 10 salários mínimos). A variável raça ou cor da pele também foi incluída no formulário, embora seu uso posterior tenha dependido da etapa de análise dos dados.

Paralelamente à coleta quantitativa, foram conduzidas entrevistas qualitativas. No total, 34 adolescentes com escores classificados como borderline ou clínico foram entrevistados, critério adotado para captar experiências mais marcantes de dificuldades de sociabilidade. Cada entrevista teve duração média de 15 minutos. Durante esse momento, os adolescentes eram convidados a aprofundar respostas positivas da subescala por meio de perguntas abertas, iniciadas com expressões como “Me fale mais sobre isso...”, favorecendo a exploração das experiências relatadas.

Os itens que receberam aprofundamento qualitativo incluíram aqueles nos quais os participantes indicaram a presença de comportamentos ou sentimentos como sentir-se muito dependente, sentir-se sozinho, não se dar bem com outros, apresentar ciúmes ou inveja, sentir-se perseguido, machucar-se acidentalmente, acreditar que outros não gostam dele, gritar com frequência, sentir-se desajeitado, preferir a companhia de crianças mais novas e apresentar problemas de fala. Esses itens funcionaram como pontos de partida para que os adolescentes narrassem situações concretas de seu cotidiano, permitindo compreender nuances e significados atribuídos a essas vivências.

A análise dos dados quantitativos incluiu estatísticas descritivas e a classificação em três categorias: normativo ($T < 60$), *borderline* ($T = 60 - 63$) e clínico ($T > 63$)¹⁵. A normalidade das distribuições foi avaliada pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, que indicaram ausência de distribuição normal. Diante desse resultado, foram utilizados testes não paramétricos, especificamente o teste de Mann-Whitney U para comparações entre dois grupos e o teste de Kruskal-Wallis para comparações entre três ou mais grupos.

Os dados faltantes foram examinados antes da análise. A variável raça ou cor da pele apresentou elevada proporção de não resposta, o que impossibilitou sua incorporação nas análises. Como não havia possibilidade metodologicamente confiável de imputação desses valores, optou-se pela exclusão da variável para evitar vieses e assegurar a consistência dos resultados.

A análise qualitativa foi realizada por meio da Análise Temática (AT), conforme proposta por Braun e Clarke¹⁶. A perspectiva de sociabilidade de Georg Simmel foi adotada como lente teórica para guiar a interpretação das interações e dificuldades interpessoais vivenciadas pelos adolescentes¹.

Na fase de familiarização com os dados¹⁶, os áudios foram transcritos e revisados, e os pesquisadores realizaram leituras repetidas do banco de dados para identificar ideias iniciais relacionadas à sociabilidade. Na fase de codificação, foram identificados padrões nos relatos, como “sentimento de rejeição”. Esses códigos foram organizados sistematicamente e associados a segmentos específicos das transcrições. Por exemplo, a fala “Tem muita gente que não gosta de mim, tipo, 95% da escola [...]” foi codificada como “rejeição social”.

Na etapa seguinte, os códigos foram agrupados em temas potenciais, que englobaram subtemas específicos, como “solidão e sentimento de exclusão”, “autocrítica severa e comparação social” e “agressividade e conflitos interpessoais”. Na etapa de revisão, os temas foram analisados quanto à sua coerência e abrangência, sendo ajustados para garantir que refletissem com precisão os dados coletados. Por exemplo, o subtema “ciúmes e possessividade” foi consolidado como parte do tema “Desafios relacionais”.

Por fim, os temas foram definidos e nomeados de forma clara, com base nos padrões encontrados e na história que os dados buscavam contar. Relatos representativos foram selecionados para ilustrar os temas, como a fala “Eu sinto um pouquinho mais ciúmes [...]”, usada para exemplificar o subtema “ciúmes e possessividade”. A última etapa culminou na produção do relato científico qualitativo¹⁶.

Para identificação das falas nos resultados, foi utilizada uma codificação composta por um código alfanumérico para cada participante (Ad1, Ad2, Ad3...), seguido do T-Score, sexo e idade, apresentada no formato: (AdX; T-Score XX,XX; sexo; idade). Os trechos ilustrativos foram escolhidos com base em critérios de representatividade e densidade temática, priorizando falas que expressassem com clareza os padrões de significado identificados e que contribuíssem para a compreensão analítica de cada tema.

A integração dos dados quantitativos e qualitativos foi conduzida desde o desenho do estudo, com base em uma abordagem de integração intraprocedimental. As entrevistas qualitativas foram estruturadas a partir dos resultados quantitativos obtidos pelo YSR, o que possibilitou direcionar perguntas abertas para explorar de forma aprofundada os problemas de sociabilidade identificados. Essa estratégia garantiu uma conexão direta entre as duas abordagens, permitindo que os achados qualitativos complementassem e contextualizassem os quantitativos, por meio da narração. A fusão dos achados, apresentada em quadro temático, destacou convergências e divergências, revelando tanto padrões gerais quanto nuances individuais que não poderiam ser captadas por um único método.

Essa integração reforçou a análise ao alinhar as perspectivas quantitativa e qualitativa, enquanto a aplicação dos princípios de sociabilidade de Georg Simmel¹ forneceu o referencial conceitual necessário para compreender como os adolescentes vivenciam suas associações sociais e enfrentam os desafios da interação.

O rigor foi assegurado pelo uso de instrumento validado no componente quantitativo, aplicação de análises estatísticas adequadas e critérios sistemáticos na análise qualitativa. No componente qualitativo, dois pesquisadores realizaram codificação independente, compararam e discutiram discrepâncias até alcançar consenso. A integração incluiu a reanálise das transcrições após a definição inicial dos temas, reforçando a consistência interpretativa. A subjetividade dos pesquisadores foi considerada uma potencial limitação; para reduzir esse risco, foram utilizados diários reflexivos e realizadas reuniões para discussão dos achados. Essas estratégias contribuíram para aumentar a validade das interpretações e a transparência do processo analítico. O *Mixed Methods Appraisal Tool* (MMAT) foi utilizado como referência para a elaboração do relatório científico, com o objetivo de assegurar a qualidade metodológica¹⁸.

O modelo de linguagem AI ChatGPT-5[®] foi utilizado para auxílio na edição e revisão ortográfica. Esta ferramenta foi usada para melhorar a clareza e a legibilidade do manuscrito. Os autores mantêm total responsabilidade pelo conteúdo e integridade do trabalho.

O estudo observou integralmente as exigências éticas e científicas estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, contando com aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa e anuência institucional da rede de ensino participante. Foram obtidos o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis e o assentimento dos adolescentes. Participantes que relataram sofrimento emocional relevante foram encaminhados a serviços especializados de atenção psicossocial, em articulação com gestores escolares e responsáveis.

RESULTADOS

Participaram do estudo 222 adolescentes, sendo a maioria do gênero feminino (n=150; 67,6%), seguido do masculino (n=71; 32,0%) e daqueles que se identificaram como outros (n=1; 0,5%). Em relação à faixa etária, 56,8% tinham entre 15 e 18 anos (n=126), enquanto 43,2% estavam na faixa etária de 11 a 14 anos (n=96).

Quanto à renda mensal familiar, a maior parte das famílias (81,1%, n=180) relatou rendimento entre 1 e 5 salários mínimos (SM), caracterizando um perfil de renda média-baixa. Apenas 5,0% (n=11) das famílias tinham renda inferior a um salário-mínimo (SM), enquanto 11,7% (n=26) possuíam entre 6 e 10 SM, e 2,3% (n=5) superavam dez SM.

Resultados quantitativos

O escore T médio dos problemas de sociabilidade foi 50,00 ($\pm 10,00$), com valores variando de 30,30 a 80,24. Esse resultado indica que a maioria dos adolescentes está na faixa de sociabilidade normativa. A maior parte dos adolescentes avaliados (84,7%) foi classificada na categoria normativa, indicando ausência de problemas significativos de sociabilidade. Por outro lado, 4,1% dos adolescentes foram classificados na categoria borderline, e 11,3% na categoria clínica, apontando para problemas de sociabilidade que podem necessitar de maior atenção e intervenções direcionadas.

A Tabela 1 apresenta os resultados das análises estatísticas realizadas para comparar os escores de problemas de sociabilidade (Escore T) entre as variáveis independentes: sexo, faixa etária e renda familiar.

Tabela 1: Problemas de sociabilidade de adolescentes segundo sexo, faixa etária e renda familiar (n=222). Cuiabá, MT, Brasil, 2022.

Variáveis	n	Média do T-Escore	Mínimo	Máximo	p-valor
Sexo (n = 221)					
Feminino	150	52,30	30,30	80,24	
Masculino	71	48,75	31,00	70,00	0,000*
Faixa etária (n = 222)					
11 a 14 anos	96	54,10	35,00	80,24	
15 a 18 anos	126	47,90	30,30	70,00	0,002*
Renda Familiar (n = 222)					
<1 SM	11	55,00	45,00	75,00	
1 a 5 SM	180	50,20	30,30	80,24	
6 a 10 SM	26	48,50	35,00	70,00	
>10 SM	5	60,10	50,00	65,00	0,530**

Legenda: *Teste de Mann-Whitney U; **Teste de Kruskal-Wallis; SM= Salários-Mínimos

Os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas nos escores de problemas de sociabilidade entre os sexos (p=0,000), com adolescentes do sexo feminino apresentando escores médios mais altos (52,30) em comparação aos do sexo masculino (48,75). Na faixa etária, adolescentes de 11 a 14 anos apresentaram escores médios mais elevados (54,10) em relação aos de 15 a 18 anos (47,90), também com diferença estatisticamente significativa (p=0,002). Para a renda familiar, embora os adolescentes de famílias com mais de 10 salários mínimos tenham apresentado a maior média de escores (60,10), as diferenças entre os grupos não foram estatisticamente significativas (p=0,530).

Resultados qualitativos

A análise qualitativa do corpus das entrevistas deu origem a três temas: Dificuldades na construção e manutenção de vínculos sociais, Baixa autoestima e insegurança: impactos na sociabilidade de adolescentes e Desafios relacionais: lidar com conflitos, ciúmes e adaptação à convivência, apresentados a seguir.

Tema 1. Dificuldades na construção e manutenção de vínculos sociais

A análise dos relatos dos adolescentes revelou um sentimento de solidão, mesmo quando inseridos em grupos sociais. As falas demonstraram a angústia associada à solidão, com um anseio por conexão e pertencimento, evidenciando a sensação de vazio e incompletude que a falta de interação social pode gerar. A sociabilidade representa uma forma lúdica de associação, mas para esses adolescentes, a ausência dessa interação social reflete uma quebra desse princípio básico, intensificando o isolamento emocional:

"Tenho medo de me sentir sozinho. Às vezes eu estou precisando de um abraço, de alguém pra conversar [...]. Não tem ninguém ali, eu me sinto vazio, triste, sozinho." (Ad1; T-Score 53,95; Mas; 14 anos).

A dificuldade em criar vínculos significativos e a vivência de um vazio emocional ampliaram a percepção de isolamento entre os adolescentes. Essa experiência frequentemente se traduzia em sentimento de tristeza e desamparo. A sociabilidade, que se sustenta na reciprocidade e na interação mútua, quando fragilizada, resultou no enfraquecimento das conexões interpessoais e no fortalecimento da sensação de exclusão:

"Ai, muito! Tipo, às vezes eu estou aqui em turma do povo, aí, tipo, na hora que o assunto para e eu saio de perto, eu vejo que ninguém vem ver como eu estou, sabe? Aí eu me sinto muito sozinha." (Ad2; T-Score 56,58; Fem; 14 anos).

"Não gosto de ficar sozinho, me sinto triste." (Ad3.; T-Score 43,44; Mas; 14 anos).

A busca pela solitude, embora possa parecer contraditória com a necessidade de conexão, também emergiu nas falas dos adolescentes. Alguns participantes buscaram refúgio em momentos de solitude para lidar com as demandas sociais e encontrar um equilíbrio entre a vida social e a individual. Ao valorizarem a própria companhia, os adolescentes demonstraram uma autossuficiência e uma busca por autoconhecimento que são características marcantes dessa fase do desenvolvimento. Esse comportamento pode ser visto como uma tentativa de encontrar equilíbrio em um sistema social que frequentemente os sobrecarrega, como apontado nos trechos:

"Na minha casa, pra ficar sozinho, porque eu tenho tranquilidade, eu fico assim quietinho, sabe?" (Ad4.; T-Score 48,70; Mas; 13 anos).

A ansiedade social, marcada pela percepção de julgamento constante, também emergiu como um fator significativo. A fala a seguir reflete um distanciamento dos princípios básicos de sociabilidade, onde o prazer da interação é substituído pelo medo do julgamento, prejudicando o estabelecimento de vínculos saudáveis.

"Acredito que todos me julgam, de forma discreta. Não sei por quê, mas em qualquer lugar que entro, parece que todos me observam, e isso me incomoda." (Ad6; T-Score 43,44; Fem; 13 anos)

O *bullying*, tanto no ambiente escolar quanto no virtual, emergiu como outro fator que contribuiu para as dificuldades de sociabilidade dos adolescentes. Houve relatos de assédio verbal repetitivo, indicando um padrão de comportamento hostil por parte dos pares. A criação de perfis falsos, por sua vez, evidencia a intensificação do *bullying* para o ambiente virtual, ampliando o alcance e o impacto das agressões. Essas práticas distorcem a sociabilidade, transformando-a de um espaço lúdico em um ambiente hostil que mina as interações interpessoais:

"[...] principalmente na sala de aula. Ano passado, eles me viam e faziam o som de vômito. Nossa! Aí eles pararam, porque eu não estava ligando. Mas esse ano, continuaram a fazer isso. Nossa, muito! Daqui da escola, criaram dois perfis falsos para me atacar. Meu Deus, que ódio!" (Ad2; T-Score 56,58; Fem; 14 anos).

O sentimento de rejeição social, caracterizado pela percepção de não pertencimento a um grupo e pela sensação de ser excluído, foi outro aspecto recorrente nas narrativas dos adolescentes. Constatou-se um desejo profundo por conexão e afeto, contrastando com a experiência de isolamento e exclusão relatada por muitos participantes. A sociabilidade só se concretiza quando há uma troca significativa; a falta dessa reciprocidade intensifica a sensação de exclusão e fragiliza as relações interpessoais:

"Tem muita gente que não gosta de mim, tipo, 95% da escola. [...] Aí eu fico pensando: 'Como seria bom ser amada'." (Ad2.; T-SCORE 56,58; Fem; 14 anos)

Ainda, as dificuldades na comunicação verbal manifestaram-se como um desafio para muitos adolescentes participantes da pesquisa. Alguns participantes relataram a gagueira, enquanto outros descreveram dificuldade em encontrar as palavras. Essas dificuldades ilustram como barreiras comunicativas podem prejudicar a prática da sociabilidade, que depende da fluidez da interação social. A percepção de que a comunicação não fluía como desejado gerava frustração e ansiedade, como evidenciado a seguir:

"Gaguejo demais, fico muito nervosa [...]" (Ad7; T-SCORE 48,70; Fem; 13 anos).

"[...] a palavra não sai e eu não consigo." (Ad8; T-SCORE 35,56; Fem; 11 anos).

Tema 2. Baixa autoestima e insegurança: impactos na sociabilidade de adolescentes

A autocrítica excessiva foi um dos aspectos mais recorrentes nos relatos dos adolescentes, evidenciando um julgamento severo em relação a si mesmos. Essa postura, frequentemente influenciada por comentários externos, destacou um impacto negativo na construção da autoimagem e da autoestima. Alguns participantes expressaram sua insatisfação com a dependência emocional, enquanto outros trouxeram à tona como críticas familiares podem amplificar essa autocrítica. A sociabilidade depende de um equilíbrio entre interação e autonomia, e essas narrativas refletem uma ruptura nesse equilíbrio, onde o excesso de autocrítica compromete a confiança necessária para participar de interações sociais de maneira leve e fluida:

"Eu não gosto de ser dependente. Eu sou, mas eu não gosto. Odeio ser dependente das pessoas." (Ad10; T-Score 48,70; Fem; 13 anos).

A comparação social negativa, muitas vezes associada à autocrítica, também emergiu como uma prática comum entre os adolescentes, contribuindo para inseguranças e dificuldades de interação social. A percepção constante de julgamento foi destacada pelos participantes. Essa comparação negativa é um reflexo das pressões sociais que minam a capacidade de experimentar a sociabilidade como uma interação prazerosa e sem peso. Em vez disso, os adolescentes acabam presos em dinâmicas de julgamento e exclusão:

“Acho que sim, porque as pessoas [...] me acham uma pessoa estranhinha demais para elas.” (Ad10; T-Score 48,70; Fem; 13 anos).

O medo do fracasso e a consequente evitação de situações desafiadoras foram relatados como barreiras ao desenvolvimento social e emocional dos adolescentes. Alguns participantes expressaram dificuldade em lidar com situações que exigem maior autonomia e outros destacaram a necessidade de validação parental antes de agir. A sociabilidade ideal deveria permitir que os indivíduos explorem a autonomia e a interação sem medo; contudo, o medo do fracasso impede que esses adolescentes alcancem esse estado ideal, limitando suas possibilidades de integração social.

“A gente pode considerar assim [...]. [Quando é algo meu], eu consigo [lidar], mas certas coisas [...] mais sérias, às vezes eu sinto vontade de pedir ajuda dos mais velhos.” (Ad11; T-Score 51,33; Mas; 15 anos).

“Porque, tipo, eu não posso fazer alguma coisa; [...] tenho que perguntar pra minha mãe se ela deixa ou não.” (Ad3; T-Score 43,44; Mas; 14 anos).

A dependência emocional foi identificada, refletindo uma necessidade profunda de aprovação e validação por parte de figuras significativas para os adolescentes, como amigos e familiares. Houve menção a necessidade de reciprocidade e o seu impacto nas relações. A dependência emocional pode ser interpretada como um obstáculo à sociabilidade plena, pois dificulta a leveza e a reciprocidade espontânea nas interações, transformando-as em relações marcadas por demandas e inseguranças.

“Não, dos adultos não, mas de amizade, sim. Meu pai já falou que eu tenho uma grande dependência emocional, porque eu dependo muito das pessoas.” (Ad2; T-Score 56,58; Fem; 14 anos).

Tema 3. Desafios relacionais: lidar com conflitos, ciúmes e adaptação à convivência

A agressividade e os conflitos interpessoais emergiram nas narrativas como um reflexo das interações hostis vivenciadas pelos adolescentes, muitas vezes no ambiente escolar. Essas situações evidenciam como o comportamento agressivo contribui para intensificar os conflitos e prejudicar as relações sociais. Houve relatos de ataques virtuais. Essas hostilidades representam uma ruptura nos princípios de interação leve e prazerosa, substituída por dinâmicas de poder e exclusão que prejudicam a convivência.

“Daqui da escola criaram dois fakes pra me tacar hater.” (Ad2; T-Score 56,58; Fem; 14 anos).

A dificuldade em resolver conflitos de forma pacífica, como demonstrado na fala a seguir, sugere uma resistência às bases da sociabilidade, que pressupõe a cooperação mútua para manter o equilíbrio nas interações. Esses desafios indicam como o individualismo e a rejeição ao diálogo podem minar as possibilidades de interação harmoniosa e inclusão social:

“No geral, eu não me dou bem. Porque eu não quero me dar bem.” (Ad12; T-Score 48,70; Fem; 16 anos).

O ciúme e a inveja surgiram como outros fatores relevantes para os desafios relacionais dos adolescentes. Sentimentos de possessividade e necessidade de controle foram mencionados em diversos relatos. Um adolescente refletiu sobre a intensidade dos seus ciúmes, enquanto outro descreveu os ciúmes como um sentimento passageiro, mas que ainda interfere em suas relações. Esses sentimentos podem ser entendidos como barreiras à sociabilidade genuína, onde o prazer de estar com os outros é substituído por tensões e comparações que dificultam a construção de relações equilibradas:

“É, o meu ciúme, ele varia, mas pode pôr bastante.” (Ad13; T-Score 38,19; Fem; 17 anos).

“Eu sinto um pouquinho mais ciúmes, assim. Mas é coisa, tipo, bate na hora ali e depois passa.” (Ad14; T-Score 59,21; Mas; 17 anos).

Também houve relatos de comportamentos desafiadores no ambiente escolar. A resistência às normas e regras pode refletir uma tentativa de afirmação de identidade individual, mas, quando exagerada, torna-se um obstáculo à convivência social fluida e à aceitação grupal, elementos centrais para a sociabilidade:

“Eu zoo muito, principalmente na sala de aula [...]” (Ad2; T-Score 56,58; Fem; 14 anos).

Integração dos resultados

A Figura 1 apresenta a síntese da integração dos achados quantitativos e qualitativos do estudo.

Tema	Resultados Quantitativos	Resultados Qualitativos	Metainferências
1	- 11,3% dos adolescentes foram classificados na categoria clínica de problemas de sociabilidade. - Adolescentes de 11 a 14 anos tiveram escores médios mais altos em problemas de sociabilidade (54,10) do que os de 15 a 18 anos (47,90), p=0,002.	-Sentimento de solidão: <i>"Não gosto de ficar sozinho, me sinto triste."</i> -Desejo de pertencimento e exclusão social: <i>"Tem muita gente que não gosta de mim [...]."</i>	Adolescentes mais jovens relatam maior dificuldade em estabelecer e manter vínculos, o que é confirmado pelos escores mais altos no grupo de 11 a 14 anos. O sentimento de solidão e rejeição social pode ser interpretado como uma ruptura nos princípios de sociabilidade de Simmel, onde a interação social deveria ser leve e prazerosa, mas é substituída por sentimentos de isolamento e exclusão.
2	- Adolescentes do sexo feminino apresentaram escores médios mais altos (52,30) em comparação aos masculinos (48,75), p=0,000.	-Baixa autoestima: <i>"Tem muita gente que não gosta de mim, tipo, 95% da escola. [...] Ai eu fico pensando: 'Como seria bom ser amada'"</i> -Comparação social negativa: <i>"as pessoas me acham uma pessoa estranhinha demais [...]."</i>	Os relatos de baixa autoestima e comparação social negativa parecem mais presentes entre as adolescentes, o que dialoga com os escores médios mais elevados observados no grupo feminino. Nesses casos, a autopercepção marcada por sentimentos de rejeição e inadequação sugere uma sociabilidade mais vulnerável, na qual julgamentos externos e autocrítica podem influenciar o equilíbrio emocional e a forma como essas adolescentes se integram aos grupos.
3	- 84,7% dos adolescentes estão na faixa normativa, mas 15,4% apresentam níveis borderline ou clínicos de problemas de sociabilidade.	-Conflitos interpessoais: <i>"Daqui da escola criaram dois fakes pra me tacar hater [...]."</i> - Dificuldade em resolver conflitos: <i>"No geral, eu não me dou bem. Porque eu não quero me dar bem."</i>	Mesmo entre adolescentes dentro da faixa normativa, os conflitos interpessoais e a dificuldade em resolver problemas refletem desafios à sociabilidade genuína, que, segundo Simmel, deveria promover um equilíbrio nas interações. A falta de estratégias para mediar conflitos e a presença de tensões persistentes prejudicam a construção de relações harmoniosas.

Figura 1: Síntese da integração dos dados quantitativos e qualitativos sobre problemas de sociabilidade de adolescentes. Cuiabá, MT, Brasil, 2022.

Evidenciou-se que os dados convergem para aprofundar a compreensão sobre os problemas de sociabilidade enfrentados por adolescentes.

DISCUSSÃO

Os achados quantitativos e qualitativos do estudo revelam que os problemas de sociabilidade entre adolescentes constituem um fenômeno relevante e multifacetado, marcado por tensões nas relações interpessoais e impactos emocionais significativos. Observou-se um padrão de maior vulnerabilidade entre meninas e adolescentes mais jovens. A análise qualitativa aprofundou essas questões, destacando subtemas como sentimento de solidão, baixa autoestima, dificuldades em resolver conflitos e desafios interpessoais, que refletem a complexidade dos problemas enfrentados por esse grupo.

Entre aqueles que apresentaram escores mais elevados, observa-se que tais dificuldades podem estar relacionadas ao contexto de vulnerabilidade vivenciado, incluindo vulnerabilidade emocional decorrente de mudanças contextuais, desafios do desenvolvimento identitário e outras transições que caracterizam a adolescência como um processo multifacetado e sensível às dinâmicas sociais^{18,19}. Esses achados podem ser interpretados à luz da concepção de sociabilidade de Georg Simmel¹, que destaca a sociabilidade como uma forma lúdica e prazerosa de associação entre os indivíduos. No entanto, para esses adolescentes, a ausência de interações recíprocas e satisfatórias reflete uma fragilidade nos processos sociais, onde o isolamento e a exclusão substituem o ideal de leveza e interação mútua¹.

Além disso, os resultados indicaram escores mais altos de problemas de sociabilidade em meninas, o que pode estar relacionado não a características individuais ou inatas, mas ao fato de que elas são mais frequentemente submetidas a expectativas, vigilâncias e julgamentos sociais que moldam suas experiências de interação. Estudos anteriores apontam que essas pressões sociais recaem de maneira mais intensa sobre meninas, influenciando sua autoestima, a forma como percebem suas relações e a maneira como se inserem em redes de apoio^{20,21}. Esses achados estão alinhados à perspectiva de Simmel¹, que sugere que a sociabilidade é influenciada por fatores culturais e sociais, incluindo gênero, que moldam a maneira como indivíduos interagem e percebem suas relações. Para meninas, o peso das expectativas sociais parece intensificar os desafios de estabelecer vínculos equilibrados e satisfatórios.

Os relatos de dificuldades na construção e manutenção de vínculos sociais também foram identificados em estudos anteriores, que destacam a relação entre habilidades interpessoais insuficientes e sentimentos de exclusão ou retraimento social^{22,23}. Segundo a literatura, adolescentes têm maior prevalência de sentimentos de solidão porque suas habilidades sociais ainda estão em desenvolvimento e não conseguem sustentar relações interpessoais satisfatórias²⁴. Esses achados reforçam que o sentimento de rejeição social agrava não apenas a sociabilidade, mas também o bem-estar emocional e a autoestima dos adolescentes, que acarreta um ajuste psicossocial negativo sobre as interações sociais durante a adolescência²⁵.

A comparação social negativa, frequentemente acompanhada de autocrítica, emergiu como uma prática recorrente entre os adolescentes, contribuindo para inseguranças, sensação constante de julgamento e dificuldades de interação. Esses padrões fragilizam a espontaneidade das relações e afastam a sociabilidade de seu caráter leve e prazeroso, dando lugar a dinâmicas de retraimento e exclusão. Pesquisa de revisão indica que normas de gênero estereotipadas são reforçadas precocemente e influenciam a forma como meninas e meninos interpretam e se posicionam nas interações sociais²⁶. As redes sociais acrescentam uma camada adicional a esse processo, expondo adolescentes a imagens idealizadas, padrões estéticos rígidos e mecanismos de validação pública que intensificam a comparação social²⁷.

A combinação entre normas tradicionais e pressões digitais amplifica sentimentos de inadequação, aumenta a autocobrança e dificulta interações espontâneas, afetando diretamente a qualidade da sociabilidade. Assim, o fenômeno não se limita ao âmbito individual, mas reflete formas sociais contemporâneas que moldam as interações e os modos de ser adolescente. Nesse sentido, os achados dialogam com a perspectiva de Simmel¹, ao mostrar que a sociabilidade é influenciada por normas culturais e contextos sociais que estruturam as possibilidades de relação e pertencimento.

Em relação aos desafios relacionais, dificuldade em lidar com conflitos interpessoais e a agressividade foram observadas nos relatos qualitativos. A presença de sentimentos intensos, como raiva e frustração, reflete-se em comportamentos de hostilidade. Esses dados são consistentes com a literatura sobre conflitos interpessoais na adolescência, em que a agressividade pode ser uma resposta a dificuldades em gerenciar as interações sociais e as expectativas de convivência²⁸. Tais dificuldades reforçam o argumento de Simmel¹ de que a sociabilidade depende de normas tácitas de reciprocidade e respeito, que, quando quebradas, resultam em desarmonia nas interações.

A dificuldade em resolver conflitos de forma pacífica, como demonstrado nas falas, sugere que a resistência ao diálogo e a cooperação pode estar presente em muitos adolescentes, dificultando a adaptação a contextos sociais e escolares. Este achado também reflete estudos que destacam a dificuldade dos adolescentes em negociar suas relações interpessoais, uma vez que a adolescência é uma fase marcada pelo acúmulo de interações em tempo real que induzem sentimentos de descontinuidade e podem agravar a tensão social²⁹⁻³¹.

A questão dos ciúmes e da possessividade também se destacou, refletindo como sentimento de insegurança e controle podem gerar tensões nas relações sociais. O ciúme entre amigos, como relatado pelos participantes, reflete a intensificação das emoções e, muitas vezes, a dificuldade em estabelecer limites saudáveis em amizades e relacionamentos românticos. Estudos prévios apontam que o ciúme pode ser um reflexo da insegurança e da necessidade de afirmação emocional, sendo mais pronunciado em contextos de maior proximidade afetiva, onde muitas vezes associado ao medo da perda ou do abandono, pode levar a comportamentos possessivos, controladores ou agressivos^{32,33}. Esses relatos evidenciam o quanto a sociabilidade pode ser moldada por dinâmicas emocionais, que interferem no equilíbrio relacional necessário para promover interações prazerosas e harmoniosas.

A interpretação dos achados também se beneficia de uma leitura interseccional, em que marcadores sociais como gênero, classe e idade são interdependentes e produzem experiências desiguais dentro de uma matriz de dominação³⁴. Esse enquadramento ajuda a compreender por que meninas e adolescentes mais jovens demonstram maior vulnerabilidade nos processos de sociabilidade, pois suas experiências são atravessadas por expectativas sociais, padrões de avaliação e oportunidades de pertencimento desiguais. Ao mesmo tempo, a teoria do capital e do *habitus* de Pierre Bourdieu complementa essa análise ao evidenciar como disposições incorporadas ao longo da socialização influenciam modos de agir, perceber e se relacionar³⁵.

A dificuldade de estabelecer vínculos, a sensibilidade às comparações sociais e a percepção de exclusão identificadas neste estudo podem refletir desigualdades no acesso a capitais social e cultural, que moldam formas de participação nas redes de sociabilidade. Assim, integrar as contribuições de Collins e Bourdieu revela que os desafios de sociabilidade dos adolescentes não derivam apenas de características individuais, mas emergem de condições estruturais que organizam disposições, oportunidades de interação e possibilidades de reconhecimento social.

Portanto, os achados deste estudo reforçam a necessidade de intervenções que promovam não apenas habilidades individuais, mas também condições sociais que sustentem formas mais inclusivas de sociabilidade, especialmente para meninas e adolescentes mais jovens. Programas de educação socioemocional podem fortalecer

competências relacionais, autoestima e resolução de conflitos, desde que articulados a ações que ampliem redes de apoio, reduzam práticas excludentes e considerem desigualdades estruturais. Evidências indicam que enfrentar desigualdades de gênero requer abordagens multinível e multissetoriais, integrando escola, saúde, justiça, proteção social e ações complementares voltadas às famílias e comunidades²⁰. Intervenções sensíveis a essas dimensões tendem a favorecer ambientes acolhedores e vínculos genuínos. Contudo, como alerta Simmel¹, a sociabilidade perde seu caráter livre quando sujeita a estratégias excessivamente normativas; assim, é essencial preservar a espontaneidade das interações ao planejar ações de promoção do bem-estar.

Limitações do estudo

A amostra quantitativa foi não probabilística, o que restringe a capacidade de generalização dos resultados para outros contextos. Há também a possibilidade de viés de desejabilidade social nas respostas, especialmente em itens sensíveis do YSR, embora esse risco tenha sido reduzido por meio de coleta individual, autodeclarada e em ambiente reservado. Além disso, a variável raça ou cor da pele não pôde ser incluída nas análises devido ao elevado número de não respostas, o que impediu explorar eventuais diferenças raciais nas experiências de sociabilidade.

Embora a análise qualitativa tenha ampliado a compreensão das vivências relatadas, algumas limitações devem ser reconhecidas. A profundidade das entrevistas foi influenciada pelas próprias características da adolescência, fase em que respostas mais breves e dificuldade de aprofundamento são comuns, o que pode ter limitado a exploração de alguns aspectos subjetivos. Durante as entrevistas, buscou-se confirmar o sentido das respostas com os próprios adolescentes, prática que contribuiu para maior precisão interpretativa. No entanto, não foi realizada a etapa posterior de *member checking*, o que poderia ter fortalecido ainda mais a validação dos achados. Para minimizar possíveis vieses, foram adotadas estratégias de rigor metodológico, como codificação independente, discussões entre pesquisadores, triangulação dos dados e reavaliação coletiva dos temas, práticas que contribuíram para aumentar a confiabilidade das interpretações.

Tais limitações apontam para caminhos a serem explorados em pesquisas futuras. Investigações longitudinais podem ajudar a esclarecer os efeitos de longo prazo dos problemas de sociabilidade na adolescência, enquanto intervenções específicas baseadas nos princípios de sociabilidade podem ser desenvolvidas e avaliadas para promover interações mais saudáveis e inclusivas entre os adolescentes.

CONCLUSÃO

Este estudo revelou que uma parcela significativa dos adolescentes apresenta problemas de sociabilidade, sendo 15,4% classificados nas categorias borderline e clínica. Meninas e adolescentes mais jovens (11 a 14 anos) demonstraram maior vulnerabilidade, o que aponta para a necessidade de atenção diferenciada a esses grupos. Os achados qualitativos permitiram explorar os sentimentos de solidão, rejeição social, baixa autoestima e dificuldades interpessoais que permeiam a vivência desses adolescentes. Tais aspectos impactam diretamente na saúde mental e no bem-estar emocional, evidenciando a complexidade das demandas dessa faixa etária.

A integração dos dados quantitativos e qualitativos destacou a importância de compreender os problemas de sociabilidade em uma perspectiva ampla, que contemple tanto indicadores objetivos quanto às percepções e experiências dos adolescentes. A aplicação dos fundamentos de sociabilidade de Georg Simmel evidenciou como as interações sociais, quando ausentes ou comprometidas, prejudicam a vivência da sociabilidade lúdica e recíproca, impactando negativamente a formação de vínculos e o bem-estar emocional.

Os resultados reforçam a relevância de intervenções direcionadas à promoção de habilidades socioemocionais, à resolução de conflitos e ao fortalecimento das redes de apoio, tanto no ambiente escolar quanto familiar. Estratégias que valorizem a construção de interações mais inclusivas e acolhedoras podem minimizar os impactos negativos dos problemas de sociabilidade, criando oportunidades para fortalecer as conexões interpessoais e melhorar a qualidade das relações.

Este estudo avança o conhecimento sobre problemas de sociabilidade na adolescência ao integrar dados quantitativos e qualitativos em uma população pouco estudada no Brasil, revelando nuances emocionais e sociais que ampliam a compreensão das dificuldades de sociabilidade além dos fatores já conhecidos, como gênero e idade. A abordagem integrativa possibilitou identificar dinâmicas subjetivas específicas que não haviam sido suficientemente exploradas em pesquisas anteriores. Além disso, a aplicação da concepção de sociabilidade de Georg Simmel como lente interpretativa trouxe uma perspectiva relevante para compreender as dinâmicas sociais, revelando como a ausência de interações lúdicas e recíprocas pode impactar o bem-estar emocional dos adolescentes.

Recomenda-se que futuros estudos não apenas adotem abordagens longitudinais e intervenções específicas para avaliar o impacto de estratégias voltadas à melhoria da sociabilidade e do bem-estar emocional dos adolescentes, mas também incorporem uma perspectiva interseccional, analisando como raça, gênero, classe e outros determinantes

sociais interagem na conformação dos problemas de sociabilidade. A inclusão dessa lente analítica pode ampliar a potência explicativa dos achados e fortalecer a aplicabilidade dos resultados na formulação de políticas públicas mais equitativas e sensíveis às desigualdades estruturais que atravessam a adolescência.

REFERÊNCIAS

1. Simmel G. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2006.
2. Dias FL. Sociabilidade na metrópole: as reflexões de Georg Simmel. *Laboratório Didático – USP ensina Sociologia*. 2012 [cited 2025 Jul 15]. Available from: https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Fadil_tx_0.pdf
3. Frúgoli Jr H. *Sociabilidade urbana*. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.
4. Leite RP. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp; 2006. p. 23-44.
5. Kollar LM. Promoção da saúde do adolescente e de sua família. In: *Hockenberry MJ, Wilson D. Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011. p. 528-50.
6. Justo AP, Enumo SRF. Problemas emocionais e de comportamento na adolescência: o papel do estresse. *Bol Acad Paul Psicol*. 2015 [cited 2025 Jul 15]; 35(89):350-70. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000200007&lng=pt&nrm=iso.
7. Pfeifer JH, Allen NB. Puberty initiates cascading relationships between neurodevelopmental, social, and internalizing processes across adolescence. *Biol Psychiatry*. 2021 [cited 2025 Jul 15]; 89(2):99-108. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.09.002>.
8. Achenbach TM, Rescorla LA. *Manual for the ASEBA school-age forms & profiles*. Burlington (VT): University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families; 2001.
9. Sharma B, Rai MK, Sharma A, Karki S. Emotional and behavioral problems among adolescents in Pokhara City in Nepal. *J Nepal Health Res Counc*. 2019 [cited 2025 Jul 15]; 16(41):419-24. DOI: <https://doi.org/10.33314/jnhrc.1607>.
10. Babicka-Wirkus A, Kozłowski P, Wirkus Ł, Stasiak K. Internalizing and externalizing disorder levels among adolescents: data from Poland. *Int J Environ Res Public Health*. 2023 [cited 2025 Jul 15]; 20(3):2752. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20032752>.
11. Philipp J, Zeiler M, Waldherr K, Truttmann S, Dür W, Karwautz AF, et al. Prevalence of emotional and behavioral problems and subthreshold psychiatric disorders in Austrian adolescents and the need for prevention. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*. 2018 [cited 2025 Jul 15]; 53(12):1325-37. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00127-018-1586-y>.
12. Drosopoulou G, Sergentanis TN, Mastorakos G, Vlachopapadopoulou E, Michalacos S, Tzavara C, et al. Psychosocial health of adolescents in relation to underweight, overweight/obese status: the EU NET ADB survey. *Eur J Public Health*. 2021 [cited 2025 Jul 15]; 31(2):379-84. DOI: <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckaa189>.
13. Peterle CF, Fonseca CL, Freitas BHBM, Gaíva MAM, Diogo PMJ, Bortolini J. Emotional and behavioral problems in adolescents in the context of COVID-19: a mixed method study. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2022 [cited 2025 Jul 15]; 30(spe):e3744. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6273.3744>.
14. Creswell JW, Creswell JD. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 5ª ed. Porto Alegre: Penso; 2021.
15. Rocha MM. Evidências de validade do Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR/2001) para a população brasileira [Tese de Doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2012 [cited 2025 Jul 15]. Available from: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-12062012-153735/pt-br.php>.
16. Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. *Qual Res Psychol*. 2006 [cited 2025 Jul 15]; 3(2):77-101. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
17. Hong QN, Pluye P, Fàbregues S, Bartlett G, Boardman F, Cargo M, et al. Improving the content validity of the mixed methods appraisal tool: a modified e-Delphi study. *J Clin Epidemiol*. 2019 [cited 2025 Jul 15]; 111:49-59. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2019.03.008>.
18. Pessalacia JDR, Menezes ES, Massuia D. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. *Bioethikos*. 2010 [cited 2025 Jul 15]; 4(4):423-30. Available from: https://saocamillo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf.
19. Sugimura K, Hihara S, Hatano K, Crocetti E. Adolescents' identity development predicts the transition and the adjustment to tertiary education or work. *J Youth Adolesc*. 2023 [cited 2025 Jul 15]; 52(11):2344-56. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-023-01838-y>.
20. Banati P, Jones N, Moreau C, Mmari K, Kågesten A, Austrian K, et al. Intersectionality, gender norms, and young adolescents in context: a review of longitudinal multicountry research programmes to shape future action. *Lancet Child Adolesc Health*. 2024 [cited 2025 Jul 15]; 8(7):522–31. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(24\)00079-8](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(24)00079-8).
21. Santoniccolo F, Trombetta T, Paradiso MN, Rollè L. Gender and media representations: a review of the literature on gender stereotypes, objectification and sexualization. *Int J Environ Res Public Health*. 2023 [cited 2025 Jul 15]; 20(10):5770. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20105770>.
22. Iannattone S, Miscioscia M, Raffagnato A, Gatta M. The role of alexithymia in social withdrawal during adolescence: a case-control study. *Children (Basel)*. 2021 [cited 2025 Jul 15]; 8(2):165. DOI: <https://doi.org/10.3390/children8020165>.
23. Kauffman JM. *Characteristics of emotional and behavioral disorders of children and youth*. 6th ed. Upper Saddle River (NJ): Merrill; 2018.
24. Pacheco BGF. O papel mediador da regulação emocional na relação entre vinculação e solidão emocional e social na adolescência [Dissertação de Mestrado]. Braga: Universidade do Minho; 2023 [cited 2025 Jul 15]. Available from: <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/c5bb84c8-57f5-43da-8fe5-266f1feebe6f>.

25. Borg ME, Willoughby T. When is solitude maladaptive for adolescents? A comprehensive study of sociability and characteristics of solitude. *J Youth Adolesc.* 2023 [cited 2025 Jul 15]; 52(12):2647-60. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-023-01856-w>.
26. Kågesten A, Gibbs S, Blum RW, Moreau C, Chandra-Mouli V, et al. Understanding factors that shape gender attitudes in early adolescence globally: a mixed-methods systematic review. *PLoS One.* 2016 [cited 2025 Jul 15]; 11(6):e0157805. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0157805>.
27. Papageorgiou A, Fisher C, Cross D. "Why don't I look like her?": how adolescent girls view social media and its relation to body image. *BMC Womens Health.* 2022 [cited 2025 Jul 15]; 22:261. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12905-022-01845-4>.
28. Sitnik-Warchulska K, Wajda Z, Wojciechowski B, Izydorczyk B. The risk of bullying and probability of help-seeking behaviors in school children: a Bayesian network analysis. *Front Psychiatry.* 2021 [cited 2025 Jul 15]; 12:640927. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.640927>.
29. Penner F, Gambin M, Sharp C. Childhood maltreatment and identity diffusion among inpatient adolescents: the role of reflective function. *J Adolesc.* 2019 [cited 2025 Jul 15]; 76:65-74. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.08.002>.
30. Wicks S, Berger Z, Camic PM. It's how I am... it's what I am... it's a part of who I am: a narrative exploration of the impact of adolescent-onset chronic illness on identity formation in young people. *Clin Child Psychol Psychiatry.* 2019 [cited 2025 Jul 15]; 24(1):40-52. DOI: <https://doi.org/10.1177/1359104518818868>.
31. Branje S. Adolescent identity development in context. *Curr Opin Psychol.* 2022 [cited 2025 Jul 15]; 45:101286. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.11.006>.
32. Voulgaridou I, Kokkinos CM. Relational aggression in adolescents: a review of theoretical and empirical research. *Aggress Violent Behav.* 2015 [cited 2025 Jul 15]; 23:87-97. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.006>.
33. Voulgaridou I, Kokkinos CM. The mediating role of friendship jealousy and anxiety in the association between parental attachment and adolescents' relational aggression: a short-term longitudinal cross-lagged analysis. *Child Abuse Negl.* 2020 [cited 2025 Jul 15]; 109:104717. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104717>.
34. Collins PH. Intersectionality as critical social theory. *Contemp Polit Theory.* 2021 [cited 2025 Jul 15]; 20(3):690-725. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41296-021-00490-0>.
35. Veenstra G, Abel T. Capital interplays and social inequalities in health. *Scand J Public Health.* 2019 [cited 2025 Jul 15]; 47(6):631-4. DOI: <https://doi.org/10.1177/1403494818824436>.

Contribuições dos autores

Concepção, B.H.B.M.F., D.F.S.J., E.L.F.M.S. e M.N.B.; metodologia, B.H.B.M.F., D.F.S.J. e M.N.B.; validação, D.F.S.J. e M.N.B.; análise formal, B.H.B.M.F. e E.L.F.M.S.; investigação, D.F.S.J.; redação, B.H.B.M.F. e E.L.F.M.S.; revisão e edição, B.H.B.M.F., D.F.S.J., E.L.F.M.S. e M.N.B.; visualização, B.H.B.M.F., D.F.S.J., E.L.F.M.S. e M.N.B.; supervisão, B.H.B.M.F., D.F.S.J. e M.N.B.; administração do projeto, B.H.B.M.F., D.F.S.J. e M.N.B. Todos os autores realizaram a leitura e concordaram com a versão submetida do manuscrito.

Uso de ferramentas de inteligência artificial

Declaramos o uso do modelo ChatGPT-5®, utilizado como ferramenta auxiliar em revisão textual. Seu uso foi supervisionado pelos autores, garantindo que interpretações e decisões metodológicas permanecessem sob responsabilidade da equipe de pesquisa.